

Entre a iniciação e a excelência: trajetórias de jovens com deficiência a partir do modelo de desenvolvimento paradesportivo

From initiation to excellence: developmental trajectories of youth with disabilities within the parasport development model

Mayra Barbosa dos Santos¹, Mariana Simões Pimentel Gomes²

Como citar esse artigo. SANTOS, M. B. GOMES, M. S. P. Entre a iniciação e a excelência: trajetórias de jovens com deficiência a partir do modelo de desenvolvimento paradesportivo. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 16, n. 3, p. 330-341, set./dez. 2025.



Resumo

Este artigo analisa a trajetória esportiva de jovens com deficiência a partir do Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP), com foco em suas experiências em competições escolares, especialmente nos Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEESP). A pesquisa, de abordagem qualitativa, entrevistou 12 atletas com deficiência entre 14 e 18 anos, visando compreender como fatores como o tipo de deficiência, a fase de entrada no esporte, a classificação funcional, o suporte familiar, escolar e institucional, influenciam seus percursos esportivos. A análise foi conduzida com base na Análise Temática Reflexiva (ATR), resultando em três categorias principais: (1) Trajetória e Desenvolvimento Esportivo; (2) Ambiente, Condições de Vida e Participação; e (3) Transições e Planejamento de Carreira. Os resultados evidenciam que, embora o MDP ofereça um referencial inclusivo e adaptável, ainda há desigualdades estruturais que afetam o acesso e a continuidade dos jovens no paradesporto, especialmente entre meninas e atletas de regiões periféricas. A pesquisa destaca a importância das competições escolares como espaços estratégicos de iniciação e projeção esportiva, e a necessidade de políticas públicas que garantam suporte integral e equitativo ao longo da trajetória dos atletas.

Palavras-chave: Paradesporto; desenvolvimento esportivo; juventude; inclusão; JEESP.

Abstract

This article analyzes the sports trajectory of young people with disabilities based on the Parasport Development Model (MDP), focusing on their experiences in school competitions, particularly the São Paulo State School Games (JEESP). The qualitative research interviewed 12 athletes with disabilities aged between 14 and 18, aiming to understand how factors such as type of disability, stage of entry into sport, functional classification, and family, school, and institutional support influence their sporting pathways. The analysis was conducted using Reflexive Thematic Analysis (RTA), resulting in three main categories: (1) Sports Trajectory and Development; (2) Environment, Living Conditions, and Participation; and (3) Transitions and Career Planning. The results show that, although the PDM provides an inclusive and adaptable framework, structural inequalities still affect the access and continuity of young people in parasport, especially among girls and athletes from peripheral regions. The research highlights the importance of school competitions as strategic spaces for sports initiation and projection, and the need for public policies that ensure comprehensive and equitable support throughout athletes' careers.

Keywords: Parasport; sports development; youth; inclusion; JEESP.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Afiliação dos autores:

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Atividade Física Adaptada da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

²Doutora em Atividade Física Adaptada. Professora do Programa de Pós-Graduação em Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

E-mail de correspondência: mayrabs@live.com

Recebido em: 07/04/2025. Aceito em: 30/09/2025.

Introdução

As competições esportivas voltadas às pessoas com deficiência representam não apenas uma arena de performance, mas também um espaço de afirmação de direitos, reconhecimento social e transformação cultural. Desde os primeiros registros da prática esportiva por indivíduos com deficiência, ainda no século XIX, até a consolidação de grandes eventos como os Jogos Paralímpicos, o paradesporto tem evoluído significativamente em termos de estrutura, visibilidade e inclusão (Abrantes, Luz e Barreto, 2014; Barreto, 2016).

No Brasil, esse avanço tem sido impulsionado por ações estratégicas do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), por meio de programas como o Circuito Loterias Caixa e as Paralímpiadas Escolares, que possibilitam o acesso ao esporte e fomentam o desenvolvimento de talentos em diversas regiões do país. Esses eventos não apenas promovem a visibilidade dos paratletas, mas também contribuem para o fortalecimento da estrutura e da organização do paradesporto no Brasil, destacando-se, entre outros, as competições escolares como os Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEESP), que têm papel essencial na promoção e consolidação do paradesporto como parte das políticas públicas educacionais e esportivas no Estado de São Paulo (Haiachi *et al.*, 2016; Winckler, 2022; Patatas *et al.*, 2020).

A trajetória esportiva de atletas paralímpicos, no entanto, é permeada por fatores complexos e multidimensionais. Diferentemente dos modelos tradicionais de formação atlética – muitas vezes elaborados com base em atletas sem deficiência – o desenvolvimento no paradesporto requer uma abordagem que considere a diversidade de experiências relacionadas à origem da deficiência (congenita ou adquirida), à classificação funcional, ao suporte familiar, bem como às desigualdades de gênero, raça e classe social (Patatas, 2019; Guimarães *et al.*, 2023). Essa multiplicidade de fatores influencia profundamente os percursos individuais, tornando cada trajetória única e desafiadora.

Apesar dos avanços institucionais e políticos, persistem barreiras estruturais que dificultam o acesso, a permanência e a ascensão de atletas com deficiência, especialmente entre mulheres e populações vulnerabilizadas. O ambiente esportivo, muitas vezes ainda dominado por uma lógica excludente, não garante as condições equitativas necessárias para que esses sujeitos possam desenvolver seu potencial atlético. Nesse contexto, compreender a trajetória esportiva de jovens com deficiência é essencial para a formulação de modelos mais inclusivos e eficazes, capazes de respeitar as especificidades de cada atleta.

A literatura nacional e internacional tem destacado a necessidade de construção de modelos próprios de desenvolvimento no paradesporto, capazes de respeitar as especificidades dos atletas com deficiência. Um exemplo é o Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP), proposto por Gomes *et al.* (2024), que adapta princípios dos modelos tradicionais, como o *Long-Term Athlete Development* (LTAD) (Balyi; Hamilton, 2004), às realidades biopsicossociais do paradesporto.

O MDP apresenta uma abordagem estruturada para organizar a trajetória esportiva de pessoas com deficiência, considerando fatores como a origem da deficiência (congenita ou adquirida), o tempo de envolvimento com a prática esportiva, a classificação funcional e as oportunidades de reabilitação e adaptação. Sua principal contribuição é oferecer uma estrutura que respeita as características individuais de cada atleta e as particularidades de seus percursos esportivos.

Esse modelo é composto por dois caminhos interligados: um que acompanha a continuidade progressiva dos "Atletas Jovens", geralmente com deficiência congênita ou adquirida precocemente, e outro que foca no processo de adaptação dos "Jovens Atletas", que adquirem a deficiência de forma tardia. Essa distinção permite compreender melhor as diferentes fases de iniciação, especialização e alto rendimento, promovendo transições mais naturais e coerentes dentro do processo formativo no paradesporto.

O MDP também se articula com outros modelos de referência, como o Modelo de Desenvolvimento Esportivo (MDE) do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o próprio LTAD, ao enfatizar a importância de uma progressão estruturada e adaptada às capacidades físicas, psicológicas e sociais de cada atleta. Dessa forma, contribui não apenas para a excelência esportiva, mas também para a inclusão e permanência de

peessoas com deficiência no sistema esportivo.

Além disso, ao respeitar as especificidades do paradesporto, o modelo diferencia e valoriza os múltiplos caminhos possíveis para os atletas, seja em direção à Excelência Paradesportiva, voltada ao alto rendimento e conquistas em competições internacionais, ou ao Paradesporto de Participação, que privilegia o envolvimento esportivo como meio de inclusão social, promoção da saúde e desenvolvimento holístico. Para contemplar essa diversidade de percursos, o MDP adota fases progressivas, desde a estimulação inicial até a reinvenção pós-carreira, garantindo um ciclo completo de suporte ao atleta. Essa estrutura assegura que tanto os atletas com deficiência congênita quanto aqueles com deficiência adquirida possam trilhar trajetórias flexíveis, sem barreiras limitantes para sua evolução no esporte.

Ao integrar aspectos do LTAD e do MDE, o MDP reforça a necessidade de um desenvolvimento esportivo sustentável e inclusivo, no qual a transição entre fases ocorre de forma coerente e adaptada à realidade de cada atleta. A implementação de estratégias baseadas nesse modelo pode influenciar diretamente as políticas públicas esportivas, promovendo um ambiente mais equitativo para o crescimento do paradesporto no Brasil. Dessa forma, o MDP não apenas potencializa o desempenho de atletas de alto rendimento, mas também amplia o acesso ao esporte para um número maior de praticantes, fortalecendo o papel do esporte como ferramenta de transformação social.

Ao considerar a trajetória esportiva como um processo que se inicia muito antes do alto rendimento e que se estende para além da aposentadoria, torna-se indispensável analisar os mecanismos que favorecem ou limitam o desenvolvimento de atletas paralímpicos. A valorização da experiência individual, o reconhecimento da diversidade de percursos e a promoção de ambientes esportivos acessíveis e equitativos constituem os pilares de uma política esportiva verdadeiramente transformadora.

A ausência de modelos de carreira esportiva adaptados ao paradesporto ainda representa um entrave para a construção de trajetórias sustentáveis e equitativas no cenário esportivo. O desenvolvimento atlético de pessoas com deficiência envolve fatores que ultrapassam a dimensão técnica, exigindo suporte psicossocial, políticas inclusivas e ambientes acessíveis. Além disso, refletir sobre a trajetória esportiva de jovens com deficiência permite ampliar o debate sobre inclusão e equidade no esporte, contribuindo para a formulação de políticas públicas mais justas e eficazes.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a trajetória esportiva de jovens com deficiência a partir do Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP), considerando suas experiências em competições escolares e os fatores que influenciam seus percursos no esporte, da iniciação à especialização.

Materiais e métodos

Essa pesquisa utilizou a abordagem qualitativa exploratória, que busca compreender fenômenos sociais e humanos ao explorar os significados que indivíduos ou grupos atribuem a esses eventos. Caracteriza-se por questões e métodos que se desenvolvem ao longo do processo, com a coleta de dados frequentemente realizada no ambiente natural dos participantes, o que possibilita uma interpretação mais contextualizada e autêntica dos fenômenos analisados (Creswell, 2010), onde o foco da investigação é analisar a trajetória esportiva de jovens com deficiência a partir do modelo de desenvolvimento paradesportivo.

A amostragem foi por conveniência, selecionando indivíduos com base na acessibilidade e disponibilidade dentro do contexto investigado (Marconi; Lakatos, 2017). Foram escolhidos alunos que participaram de pelo menos duas edições do JEESP, assegurando uma experiência relevante para a pesquisa. A pesquisa seguiu as normas do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNICAMP, garantindo o consentimento informado dos pais e a assinatura do Termo de Assentimento pelos participantes.

O primeiro contato foi realizado com os treinadores das modalidades durante o JEESP de 2024. A coleta de dados foi inicialmente planejada para ser feita por questionários ou entrevistas online, mas optou-se por entrevistas via *Google Meet*, para obter maior profundidade nas respostas. O roteiro das

entrevistas foi elaborado pelas pesquisadoras e os dados coletados foram transcritos para análise. A pesquisa foi aprovada pelo CEP da UNICAMP sob o número do CAAE 72008323.3.0000.5404.

Análise de dados

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise Temática Reflexiva (ATR), uma abordagem qualitativa que permite identificar e interpretar padrões de significado nos dados (Braun; Clarke, 2022). A ATR é flexível, permitindo que a análise se ajuste a diferentes contextos epistemológicos e explore significados tanto evidentes quanto subjacentes (Boyatzis, 1998; Guest; Macqueen; Namey, 2012). O processo de análise envolveu seis fases: familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, busca por temas, revisão dos temas, definição e nomeação dos temas, e elaboração do relatório analítico. A metodologia exige que o pesquisador adote uma postura reflexiva e crítica, garantindo a fundamentação e interpretação dos temas dentro de uma perspectiva teórica coerente (Yardley, 2008).

O Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP) foi utilizado como eixo central da análise para a análise dos dados. A pesquisa focou nas duas abordagens do MDP, uma para atletas com deficiência congênita e outra para atletas com deficiência adquirida. A partir dessa análise, foram identificadas três categorias principais:

1. Trajetória e Desenvolvimento Esportivo
2. Ambiente, Condições de Vida e Participação
3. Transições e Planejamento de Carreira

A Análise Temática Reflexiva (ATR) segue algumas fases para garantir uma avaliação eficaz. Com base nessas etapas, após a coleta e análise dos dados, utilizamos o referencial teórico como base para gerar os códigos necessários à interpretação dos resultados. Com os temas devidamente definidos, foi possível elaborar um relatório detalhado, destacando os principais pontos identificados nas entrevistas.

Resultados e Discussão

A pesquisa analisou a trajetória de 12 atletas com deficiência que participam do esporte escolar, especificamente nos Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEEESP). Dentre os participantes, 8 eram meninos e 4 meninas, 6 atletas praticantes de atletismo e 6 de natação. A maioria dos atletas (11) possui deficiência congênita, enquanto 1 adquiriu a deficiência precocemente o que destaca a predominância de jovens com deficiência congênita, frequentemente expostos ao esporte desde a infância. A baixa participação feminina, uma tendência observada em estudos sobre esporte adaptado (Guimarães *et al.*, 2023), também foi um aspecto relevante, apontando desafios adicionais para a inclusão de mulheres no paradesporto.

Quadro. Participantes da pesquisa.

Aluno	Sexo	Def.	Modalidade	Idade	Tempo de Prática	Participação no Jeesp
N2	Masculino	Congênita	Natação	16 anos	Desde Criança	3 vezes
N6	Masculino	Congênita	Natação	16 anos	Desde Criança	3 vezes
N3	Feminino	Congênita	Natação	16 anos	4 anos	3 vezes
A5	Masculino	Congênita	Atletismo	17 anos	6 anos	3 vezes
N4	Masculino	Congênita	Natação	16 anos	3 anos	3 vezes
A2	Masculino	Adquirida	Atletismo	16 anos	1 ano e 6 meses	2 vezes
A6	Feminino	Congênita	Atletismo	16 anos	Desde Criança	3 vezes

Aluno	Sexo	Def.	Modalidade	Idade	Tempo de Prática	Participação no Jeesp
A4	Feminino	Congênita	Atletismo	16 anos	2 anos e meio	3 vezes
A1	Feminino	Congênita	Atletismo	15 anos	2 anos	2 vezes
N5	Masculino	Congênita	Natação	18 anos	Desde Criança	3 vezes
A3	Masculino	Congênita	Atletismo	16 anos	2 anos	2 vezes
N1	Masculino	Congênita	Natação	18 anos	6 anos	3 vezes

Com base na Análise Temática Reflexiva e na estrutura teórica do Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP), os dados desta pesquisa foram organizados em três categorias analíticas que expressam os principais elementos das trajetórias dos atletas participantes. Cada categoria representa um eixo central da vivência esportiva, desde o início da prática até os processos de transição e projeção de futuro, permitindo compreender como fatores pessoais, sociais e estruturais influenciam o desenvolvimento paradesportivo. Com base na Análise Temática Reflexiva e na estrutura teórica do Modelo de Desenvolvimento Paradesportiva a seguir, apresentamos os resultados estruturados por essas três categorias: Trajetória e Desenvolvimento Esportivo, Ambiente, Condições de Vida e Participação e Transições e Planejamento de Carreira.

Trajetória e Desenvolvimento Esportivo

A primeira categoria de análise, Trajetória e Desenvolvimento Esportivo, evidencia que a trajetória dos atletas no paradesporto segue caminhos diversos, influenciados pelo ambiente de iniciação e pelas oportunidades disponíveis. No MDP, essa fase inclui a estimulação inicial e a experimentação esportiva, fundamentais para despertar o interesse e permitir a especialização gradual na modalidade mais adequada (Gomes *et al.*, 2024).

Os relatos demonstram que muitos atletas iniciaram suas trajetórias esportivas de forma terapêutica ou recreativa antes da especialização. N5 exemplifica essa realidade: “[...] comecei a praticar natação desde criança como terapia na AACD, mas só comecei a competir em 2021. [...]” de maneira semelhante, essa trajetória inicial também aparece no relato de N2, que iniciou a natação com um propósito terapêutico antes de migrar para o esporte competitivo: “[...] minha mãe me colocou na natação pra ajudar, para melhorar o desenvolvimento.” A trajetória também pode incluir mudanças de modalidade, como aconteceu com N1: “[...] já fui do Parabadminton, mas fiquei menos de um ano. Optei pela natação [...]”

Esse padrão de experimentação antes da escolha definitiva é amplamente incentivado no Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP), pois contribui para o desenvolvimento de uma formação corporal diversificada e transferível, além de favorecer o crescimento social, cognitivo e psicológico da pessoa com deficiência (Gomes *et al.*, 2024). No entanto, na prática, observa-se que muitas pessoas com deficiência sequer têm a oportunidade de experimentar o esporte. Isso não se deve à falta de interesse, mas sim à ausência de acesso, projetos estruturados e infraestrutura adequada nas cidades onde vivem.

Mesmo o Brasil sendo destaque em medalhas no paradesporto, como mostram os estudos de Haiachi *et al.* (2016), o caminho até esse alto rendimento costuma ser cheio de obstáculos, principalmente para quem mora fora dos grandes centros. A falta de espaços adaptados, profissionais preparados e políticas públicas mais estruturadas acaba afastando muita gente do esporte desde o começo.

Além disso, o preconceito e o desconhecimento sobre o potencial esportivo das PCD (pessoa com deficiência) também pesam muito. Patatas *et al.* (2021) reforçam que, sem acesso e sem incentivo desde cedo, fica difícil as pessoas com deficiência vivenciarem essa fase de experimentação tão essencial no desenvolvimento esportivo. Dessa forma, ao se discutir o Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP) e sua etapa inicial, é fundamental reconhecer o papel estruturante das políticas públicas.

O acesso à experimentação esportiva por parte das pessoas com deficiência depende diretamente de investimentos em programas de base, formação de profissionais qualificados e infraestrutura acessível.

Garantir essas condições é assegurar que a iniciação esportiva não se restrinja a indivíduos residentes em grandes centros urbanos ou àqueles que têm acesso a redes informais de indicação, mas que seja tratada como um direito universal, e não como uma exceção.

É justamente nessa fase inicial, marcada pelo brincar, experimentar e explorar o esporte, que se desenvolvem o interesse, a autoconfiança e o potencial que pode vir a ser canalizado para uma futura carreira no paradesporto de alto rendimento.

Seguindo nessa perspectiva de desenvolvimento, a Classificação Esportiva, é um dos pilares fundamentais para garantir a equidade competitiva entre os atletas no paradesporto. Esse sistema agrupa os competidores com base no impacto da deficiência em seu desempenho, permitindo que as competições sejam justas e acessíveis. No contexto do MDP, a classificação esportiva é um fator determinante na trajetória do atleta, influenciando tanto sua progressão no esporte quanto suas oportunidades de carreira.

A classificação funcional é um dos aspectos mais complexos do esporte paralímpico, influenciando diretamente a trajetória competitiva dos atletas. De acordo com Patatas (2019), a classificação pode ser um fator facilitador ou limitante no desenvolvimento da carreira do atleta paralímpico, especialmente quando há mudanças ou incertezas no processo.

Isso fica evidente no relato de A1: “[...] fizeram minha classificação duas vezes porque tinham dúvidas entre T46 e T47. [...]” além disso, a questão da inelegibilidade pode ser um fator de frustração para os atletas. N4 menciona: “[...] em 2021, fui inelegível por falta de documentos. [...]” Segundo Stambulova (2009), a incerteza gerada por reclassificações pode impactar negativamente a motivação do atleta e sua permanência no esporte. Dessa forma, é essencial que haja um acompanhamento adequado e suporte psicológico para auxiliar os atletas durante esse processo (Gomes *et al.*, 2024). A experiência dos atletas com a classificação esportiva varia de acordo com suas modalidades e o processo de avaliação pelo qual passaram. N1, por exemplo, descreve um processo sem dificuldades: “[...] sou classe S6. Fiz a classificação com 16 anos, foi sossegado[...]”. Essa experiência tranquila demonstra que, quando bem conduzido, o sistema de classificação pode ser um facilitador na jornada esportiva do atleta, permitindo sua integração sem grandes obstáculos (Patatas *et al.*, 2021).

Por outro lado, nem todos os atletas vivenciam um processo de classificação sem desafios. A5 relata um erro inicial em sua classificação: “[...] minha primeira classificação foi errada. Fui classificado como T38, mas depois ajustaram para T37[...]” esse tipo de situação pode afetar significativamente a trajetória do atleta, uma vez que uma classificação equivocada pode limitar suas oportunidades de competir em condições justas. O MDP destaca a importância da precisão e transparência no processo de classificação para assegurar a progressão esportiva dos atletas e evitar impactos negativos em seu desenvolvimento (Gomes *et al.*, 2024).

A incerteza e a pressão emocional que a classificação pode gerar também são fatores importantes a serem considerados. A4 compartilha a tensão que sentiu ao quase ser considerada inelegível: “[...] sou T47 na pista e F46 no campo. Quase fiquei inelegível por um centímetro[...]” Esse relato ilustra a vulnerabilidade dos atletas diante do sistema de classificação, destacando a necessidade de critérios bem definidos e avaliadores capacitados para garantir que os processos sejam conduzidos de forma justa e eficiente (Patatas *et al.*, 2020).

A influência da classificação esportiva na carreira do atleta vai além da competição imediata, impactando também sua motivação e planejamento futuro. N6, ao falar sobre sua classificação, reforça a importância de um sistema bem estruturado: “[...] minha classificação foi tranquila, pois sou perfil de classe[...]” para atletas que são perfil de classe, a classificação tende a ser um processo menos traumático, enquanto para aqueles que possuem condições progressivas ou limites de elegibilidade, a classificação pode ser um momento de incerteza e desafio (Trigo; Rosa, 2024).

Além do impacto direto na vida dos atletas, a classificação esportiva também influencia o desenvolvimento do paradesporto em nível nacional e internacional. N2, ao refletir sobre sua experiência, destaca o impacto do sistema na construção de sua carreira: “[...] fui classificado no primeiro JEESP. Não

tive problemas[...]”.

Esse relato reforça a importância de eventos escolares e regionais no processo de classificação, garantindo que novos atletas com potencial possam ser reconhecidos e encaminhados para um desenvolvimento contínuo no esporte (Trigo; Rosa, 2024).

Diante dessas experiências, fica evidente que a classificação esportiva desempenha um papel central na trajetória dos atletas paralímpicos. O MDP enfatiza a necessidade de um sistema de classificação confiável, transparente e acessível, que possibilite aos atletas competir em condições justas e se desenvolverem plenamente dentro do esporte. Para isso, é essencial que haja capacitação contínua dos classificadores, revisão periódica dos critérios e suporte psicológico para os atletas durante esse processo, garantindo que a classificação esportiva seja, de fato, uma ferramenta de inclusão e equidade no paradesporto.

Ambiente, Condições de Vida e Participação

O Impacto do Ambiente e das Condições de Vida é um dos elementos centrais para compreender o desenvolvimento esportivo de pessoas com deficiência. O Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP) reconhece que o suporte oferecido ao longo da trajetória impacta diretamente as oportunidades e o desempenho esportivo desses atletas. O acesso ao transporte, à infraestrutura esportiva adaptada e ao suporte psicológico são fatores determinantes para a permanência no esporte (Gomes *et al.*, 2024; Patatas *et al.*, 2020).

As falas dos atletas refletem de forma clara como diferentes condições ambientais impactam suas trajetórias no paradesporto. N2 destaca a importância do acesso a transporte gratuito para sua continuidade na natação: “[...] nunca tive dificuldades para acessar o esporte porque o bilhete único do governo ajuda muito no transporte até o comitê [...]”. Esse tipo de política pública é fundamental para o desenvolvimento esportivo, pois reduz barreiras logísticas e financeiras das pessoas com deficiência, permitindo que mais atletas tenham acesso a centros de treinamento adequados (Patatas *et al.*, 2021).

Por outro lado, a falta de acesso a recursos pode ser um obstáculo significativo para muitos atletas. N1, por exemplo, relata um período de ausência no JEESP devido a problemas de saúde: “[...] fiquei doente, aí toda vez que tinha JEESP acontecia alguma coisa que eu não conseguia ir [...]”. Esse relato evidencia um dos desafios apontados no MDP: a vulnerabilidade de atletas com deficiência a fatores externos, como problemas de saúde, e a necessidade de suporte contínuo para garantir que possam retornar ao esporte após períodos de afastamento (Gomes *et al.*, 2024).

Vale destacar que políticas públicas de saúde, acesso à alimentação adequada e saneamento básico também se conectam diretamente ao desenvolvimento esportivo e social da pessoa com deficiência. Sem acesso garantido a essas condições básicas, torna-se ainda mais difícil que essas pessoas se mantenham no esporte ou possam explorá-lo como ferramenta de inclusão, lazer ou alto rendimento (OMS, 2011).

A motivação e o impacto psicológico também são fortemente influenciados pelo ambiente. A6 menciona como sua experiência no esporte foi afetada pela desmotivação e pelo medo de lesões: “[...] já fiquei desmotivada e com medo de me lesionar. Me cobrava muito, ainda me cobro [...]”. O MDP enfatiza a necessidade de acompanhamento psicológico para atletas paralímpicos, garantindo que possam lidar melhor com as pressões do esporte e encontrar estratégias para manter a motivação ao longo da carreira (Gomes *et al.*, 2024).

O impacto do ambiente também está relacionado ao acesso a competições e ao suporte dentro das instituições escolares. A1 relata como a descoberta do atletismo aconteceu por meio de um professor de Educação Física que reconheceu seu potencial e apresentou-a ao esporte: “[...] eu não sabia que existia essa oportunidade. Meu professor me chamou e me apresentou ao técnico[...]”. A3 também compartilhou uma experiência semelhante, relatando: “[...] Através de uma professora da escola onde estudava [...]”.

Essa fala reforça a relevância da atuação escolar no estímulo à participação esportiva, especialmente quando professores atuam como pontes entre os estudantes com deficiência e o universo do paradesporto.

De forma semelhante, N3 compartilhou que também teve seu primeiro contato com o esporte por meio da escola, ao relatar: “[...] um professor da escola me incentivou a fazer natação, falou com a minha mãe e eu comecei [...]”. A fala reforça como a escola, especialmente por meio da atuação dos professores, pode exercer um papel ativo na articulação com a família e no incentivo inicial à prática esportiva. A presença de professores capacitados, atentos ao potencial desses alunos e comprometidos com um processo de inclusão efetivo nas aulas, pode transformar vidas e abrir portas que muitas vezes pareciam inacessíveis (Gomes *et al.*, 2024).

Além do suporte institucional, o ambiente familiar também exerce grande influência na permanência dos atletas no esporte. N5 menciona a importância de seus pais em sua jornada esportiva: “[...] meus pais me ajudaram muito [...]”. O apoio familiar é frequentemente citado na literatura como um fator determinante para o sucesso esportivo de atletas paralímpicos, oferecendo suporte emocional, logístico e, muitas vezes, financeiro (Gomes *et al.*, 2024; Patatas *et al.*, 2021; Haiachi *et al.*, 2016).

Outro ponto essencial para o desenvolvimento do atleta são os projetos municipais, os programas de instituições de ensino e, especialmente, a atuação dos Centros de Referência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Esses espaços e iniciativas têm papel decisivo ao oferecer estrutura, acompanhamento técnico e possibilidades reais de desenvolvimento, tanto para o esporte de participação quanto para o de alto rendimento. N6 destaca a estrutura do CPB como um diferencial em sua jornada: “[...] nunca tive dificuldades para acessar o comitê, pois ele oferece tudo que precisamos [...]”.

Esse tipo de estrutura possibilita que atletas desenvolvam seu potencial sem as limitações impostas pela falta de espaços adequados para treinamento, um dos grandes desafios para o desenvolvimento do paradesporto no Brasil (Santos *et al.*, 2024).

Dessa forma, os relatos dos atletas evidenciam que o ambiente e as condições de vida podem ser tanto facilitadores quanto barreiras no desenvolvimento esportivo. O MDP reforça a necessidade de políticas inclusivas que garantam suporte contínuo aos atletas, desde o primeiro contato com o esporte até a fase de excelência. Isso inclui transporte acessível, infraestrutura de qualidade, suporte psicológico e incentivos governamentais, além de investimentos em políticas de igualdade de gênero, saúde pública, alimentação, saneamento e educação, para que todos os atletas tenham oportunidades semelhantes de progressão na carreira esportiva.

O paradesporto pode assumir dois caminhos distintos, conforme propõe o MDP: o da participação e o da excelência. O paradesporto de participação enfatiza a inclusão, o esporte como lazer e o bem-estar físico, mental e social. Já o paradesporto de excelência se concentra na busca por desempenho, competição e conquistas no alto rendimento, sempre com uma perspectiva integral e holística dos indivíduos (Gomes *et al.*, 2024). Nem todos os atletas têm o objetivo de seguir uma carreira competitiva de alto nível (Patatas *et al.*, 2020).

Os relatos dos atletas evidenciam essas diferentes perspectivas. N1, por exemplo, expressa claramente seu desejo de seguir no alto rendimento: “[...] Participo do JEESP para abaixar tempos e conquistar medalhas. Espero estar na seleção daqui a 10 anos [...]”. Esse objetivo está alinhado ao paradesporto de excelência, que exige uma estrutura robusta de suporte técnico, treinamento contínuo e participação em competições nacionais e internacionais (Santos *et al.*, 2024).

De maneira semelhante, N6 compartilha a ambição de consolidar-se como referência no esporte: “[...] daqui a 10 anos, após dois ciclos paralímpicos, quero ser uma referência no esporte [...]”. O MDP destaca que a busca pela excelência esportiva exige planejamento de longo prazo e desenvolvimento contínuo de habilidades (Balyi; Hamilton, 2004).

Por outro lado, nem todos os atletas pretendem seguir esse caminho. A1 apresenta uma visão mais aberta sobre sua trajetória: “[...] não sei se ainda estarei no atletismo em 10 anos, mas já quero ter concluído uma faculdade e estar trabalhando [...]”. Essa fala reflete a flexibilidade do paradesporto de

participação, que permite o envolvimento com o esporte de maneira menos exigente e conciliada com outras áreas da vida, como os estudos e a carreira profissional (Gomes *et al.*, 2024).

O esporte também pode ser um espaço de socialização e fortalecimento pessoal, independentemente do rendimento. N2 demonstra que a participação no esporte também pode ser vista como uma experiência social e formativa: “[...] meu objetivo no JEESP é melhorar tempos e conhecer pessoas com deficiência. No futuro, quero fazer medicina [...]”.

O equilíbrio entre participação e excelência também está presente nas competições escolares, como o JEESP, que permite que os jovens experimentem o ambiente competitivo antes de decidir seu caminho no paradesporto. A6 expressa esse papel da competição em sua trajetória: “[...] quero ser reconhecida mundialmente, primeira do ranking, possivelmente com medalhas paralímpicas [...]”. Esse relato demonstra como o JEESP pode ser uma experiência positiva e motivadora, estimulando jovens a seguirem no esporte e a projetarem trajetórias de alto rendimento (Patatas *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2024).

Portanto, o paradesporto pode assumir diferentes significados e propósitos para cada indivíduo. O MDP destaca a importância de oferecer suporte tanto para aqueles que desejam seguir no alto rendimento quanto para os que veem o esporte como ferramenta de inclusão, socialização e bem-estar. Para que ambos os caminhos sejam viáveis, é necessário que existam políticas esportivas inclusivas, infraestrutura acessível, projetos públicos bem estruturados e oportunidades adequadas a todos os atletas, independentemente de seus objetivos esportivos e de suas condições sociais.

Transições e Planejamento de Carreira

A terceira categoria de análise aborda Transições e Planejamento de Carreira, os caminhos da trajetória paradesportiva de um atleta são compostos por diversas transições, desde a iniciação no esporte até a aposentadoria. O MDP enfatiza a importância do planejamento de carreira para garantir que os atletas possam lidar com essas mudanças de forma estruturada e bem-sucedida (Gomes *et al.*, 2024).

Entre as principais transições vivenciadas pelos atletas estão a passagem do esporte escolar para o alto rendimento, a necessidade de conciliar o esporte com a vida acadêmica e, posteriormente, a transição para o mercado de trabalho ou outras funções dentro do esporte (Winckler, 2024).

As falas dos atletas evidenciam diferentes percepções sobre essas transições. N1, por exemplo, enxerga sua trajetória esportiva como uma progressão natural rumo ao alto rendimento: “[...]O JEESP é uma base que revela novos atletas. Quero estar na seleção.” [...] Esse desejo reflete a necessidade de um planejamento estruturado que permita que os atletas façam a transição do nível escolar para competições nacionais e internacionais, garantindo suporte técnico e psicológico durante esse processo (Winckler, 2024).

Outro aspecto fundamental da transição de carreira é o impacto emocional que ela pode ter sobre os atletas. A6 expressa seu desejo de permanecer no esporte e se tornar uma referência: “[...] Quero ser reconhecida mundialmente, primeira do ranking, possivelmente com medalhas paralímpicas [...]”. Contudo, para que atletas como A6 consigam manter sua carreira a longo prazo, é importante ter programas que ajudem os atletas a lidarem com a pressão do alto rendimento e a se preparar para a transição quando encerrarem suas carreiras no esporte. (Winckler, 2024).

Além do planejamento da aposentadoria esportiva, alguns atletas demonstram interesse em permanecer no meio esportivo de outras formas. A2, por exemplo, planeja utilizar sua experiência para auxiliar outras pessoas com deficiência: “[...]quero ser um professor de educação especial que ensina pessoas com deficiência.[...]”. Esse exemplo reforça a necessidade de programas de capacitação para que ex-atletas possam atuar como treinadores, gestores esportivos ou profissionais da educação física, garantindo que seus conhecimentos sejam aproveitados dentro do sistema esportivo (Winckler, 2024).

Outro desafio enfrentado pelos atletas durante as transições de carreira está relacionado à classificação esportiva, que pode impactar sua trajetória competitiva e sua permanência no esporte. A4

relata como um erro inicial em sua classificação quase comprometeu sua progressão: como exposto na primeira categoria (Santos *et al.* 2024).

Para que as transições e o planejamento de carreira sejam bem-sucedidos, o MDP enfatiza a importância de políticas públicas que garantam suporte contínuo aos atletas, incluindo programas de requalificação profissional, incentivos acadêmicos e acompanhamento psicológico (Winckler, 2024). N6, por exemplo, reflete sobre a importância do suporte contínuo ao longo de sua carreira: “[...]O JEESP foi meu pontapé inicial para a natação. Quero ser referência no esporte[...]” esse relato reforça que, para que um atleta alcance o alto rendimento e tenha um planejamento de carreira adequado, é necessário que haja suporte estrutural desde as fases iniciais da trajetória esportiva (Guerreiro; Trigo, 2024).

Dessa forma, os relatos dos atletas demonstram que a transição dentro do paradesporto pode ocorrer de diferentes formas e que o planejamento de carreira deve ser uma preocupação desde as fases iniciais do desenvolvimento esportivo.

O MDP destaca a importância de um suporte contínuo para garantir que os atletas possam fazer escolhas informadas sobre sua trajetória, seja no esporte de alto rendimento, na educação ou no mercado de trabalho. A implementação de políticas esportivas eficazes é essencial para que essas transições ocorram de maneira estruturada e bem-sucedida, promovendo a longevidade e o bem-estar dos atletas paralímpicos (Winckler, 2024).

Considerações finais

A presente pesquisa investigou a trajetória esportiva de jovens atletas paralímpicos, analisando os desafios e as oportunidades em seu desenvolvimento e consolidação. A trajetória de um atleta paralímpico é caracterizada por desafios específicos, exigindo modelos de desenvolvimento adaptados às particularidades de cada deficiência.

O Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP), baseado em modelos para atletas com e sem deficiência, visa oferecer uma análise mais inclusiva e flexível. O MDP, ao contrário de modelos tradicionais, foca na individualidade, considerando a deficiência como o principal fator de desenvolvimento. Isso é crucial, pois muitos atletas com deficiência adquirida enfrentam barreiras que dificultam a entrada nas fases mais avançadas da competição, sendo o tempo de adaptação física e psicológica um desafio adicional.

Eventos esportivos, como as Paralímpiadas Escolares e os Jogos Escolares do Estado de São Paulo, são fundamentais na formação dos jovens atletas, proporcionando um ambiente competitivo que fortalece o paradesporto, promove a inclusão e a aceitação das pessoas com deficiência.

A classificação, elemento essencial no paradesporto, vai além de uma simples categorização, sendo fundamental para garantir a equidade nas competições e possibilitar uma avaliação justa das habilidades dos atletas.

O apoio familiar e o suporte de treinadores e instituições também têm um papel significativo, especialmente para aqueles que ingressam no paradesporto em fases mais tardias. O ambiente em que o atleta está inserido, as políticas públicas e a falta de informações sobre espaços de prática esportiva, como o JEESP, podem influenciar diretamente seu desenvolvimento.

Os relatos dos jovens atletas demonstram trajetórias distintas dentro do MDP: o paradesporto de participação e o de excelência. Enquanto alguns buscam o alto rendimento, outros veem o esporte como uma ferramenta de desenvolvimento pessoal e social. O paradesporto de excelência exige uma estrutura robusta de treinamento e competições, com planejamento de carreira que garanta uma transição adequada do esporte escolar para o alto rendimento e, eventualmente, para o mercado de trabalho.

Diante dos achados, conclui-se que a trajetória esportiva de jovens com deficiência é marcada por múltiplos fatores interligados — como o acesso à iniciação esportiva, o ambiente social, a classificação funcional e as transições ao longo da carreira — que devem ser considerados de forma integrada. O

Modelo de Desenvolvimento Paradesportivo (MDP) mostrou-se uma ferramenta analítica eficaz para compreender essas trajetórias em suas dimensões mais amplas, valorizando tanto o paradesporto de participação quanto o de excelência.

Ao iluminar as vivências de jovens atletas nos Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEESP), a pesquisa evidencia a urgência de políticas públicas estruturantes e contínuas, que promovam não apenas o rendimento, mas o direito à prática esportiva como parte do desenvolvimento humano.

Assim, este estudo reforça a importância de compreender o esporte como uma experiência plural, capaz de acolher diferentes desejos, percursos e potências, contribuindo para a construção de um paradesporto mais inclusivo, equitativo e transformador desde a base.

Conflitos de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse potencial com relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

Referências

ABRANTES, G. M.; LUZ, R. A. R.; BARRETO, M. M. Natação para portadores de necessidades especiais. **Revista Científica JOPEF**, v. 17, n. 1, 2014. ISSN 1806-1508. Disponível em: https://www.revistajopef.com.br/artigos_revista_jopef_vol17_n1_2014.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

BALYI, I.; HAMILTON, A. Long-Term Athlete Development: Trainability in Childhood and Adolescence. Victoria: **National Coaching Institute** British Columbia, 2004.

BARRETO, M. A. Esporte Paralímpico Brasileiro: vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas (1976 a 1992). 2016. 153 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/29683993/anais_do_v_congresso_paradesportivo_Internacional_1_pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOYATZIS, R. E. Transforming Qualitative Information: Thematic Analysis and Code Development. Thousand Oaks, CA: **Sage**, 1998. ISBN: 978-0761909613.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic analysis: a practical guide. 1. ed. London: **Sage** Publications, 2022.

CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. 3. ed. Porto Alegre: **Artmed**, 2010. ISBN: 978-8536323008.

GOMES, M. S. P.; WINCKLER, C.; TRIGO, E. L. Modelo de desenvolvimento paradesportivo. In: WINCKLER, C.; (Org.). **Paradesporto: Caminhos e Possibilidades**. 1. ed. 2024. cap. 1, p. 2-20.

GUERREIRO, R. C.; TRIGO, E. L. Aprender e treinar. In: WINCKLER, C.; (Org.). **Paradesporto: Caminhos e Possibilidades**. 1. ed. 2024. cap. 5, p. 43-51.

GUEST, G.; MACQUEEN, K. M.; NAMEY, E. E. Applied Thematic Analysis. Thousand Oaks, CA: **Sage**, 2012. ISBN: 978-1412971676.

GUIMARÃES, Karen; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. “Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: trajetórias de mulheres treinadoras no futebol brasileiro. **FuLiA/UFMG**, v. 8, n. 3, p. 9-30, 2023.

HAIACHI, M. C.; CARDOSO, V. D.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1823-1830, 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017. ISBN: 978-8522473551.

OMS – Organização Mundial da Saúde. World Report on Disability. Geneva: WHO, 2011. Disponível em: <https://>

www.who.int/publications/i/item/9789241564182. Acesso em: 10 jul. 2025.

PATATAS, J. M. et al. It's a Long Way to the Top: Determinants of Developmental Pathways in Paralympic Sport. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 38, n. 4, p. 605–625, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1123/apaq.2020-0147>. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/apaq/38/4/article-p605.xml>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PATATAS, J. M. Managing parasport: An investigation of sport policy factors and stakeholders influencing para-athletes' career pathways. PhD Dissertation, Vrije Universiteit Brussel, 2019. Disponível em: <https://www.vubpress.be>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PATATAS, J. M.; DE BOSSCHER, V.; DEROM, I.; WINCKLER, C. Stakeholders' perceptions of athletic career pathways in Paralympic sport: from participation to excellence. **Sport in Society**, p. 1-20, 2020. DOI: 10.1080/17430437.2020.1789104. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17430437.2020.1789104>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SANTOS, L. G. T. F.; CAMPANARO, A. C. M.; ROSA, G. S. Treinar e competir. In: WINCKLER, C.; (Org.). **Paradesporto: Caminhos e Possibilidades**. 1. ed. 2024. cap. 6, p. 52-62.

STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÉ, J. ISSP Position Stand: Career Development and Transitions of Athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009. DOI: 10.1080/1612197X.2009.9671916.

TRIGO, E. L.; ROSA, G. M. F. Experimentar e brincar. In: WINCKLER, C.; (Org.). **Paradesporto: Caminhos e Possibilidades**. 1. ed. 2024. cap. 3, p. 27-35.

WINCKLER, C. Inspirar e reinventar-se. In: WINCKLER, C.; (Org.). **Paradesporto: Caminhos e Possibilidades**. 1. ed. 2024. cap. 9, p. 79-82.

WINCKLER, Ciro et al. **Definindo o Paradesporto**. Santos: Paradesporto Brasil + Acessível, 2022. 12 p. ISBN: 978-65-00-57808-9.

YARDLEY, L. Demonstrating Validity in Qualitative Psychology. In: SMITH, J. A. (Ed.). **Qualitative Psychology: A Practical Guide to Research Methods**. London: Sage, 2008, p. 235-251. ISBN: [978-1412930840](https://doi.org/10.1080/14439880801412930).